

A INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA CRIANÇA COM HIDROCEFALIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Elisa Alves de Almeida – UFPA
almeida.elisaalves@gmail.com

Aline Cristina Albuquerque Cavalcante – UFPA
alinealb10@gmail.com

Bianca Oeiras Cruz, Grupo de Pesquisa Gestamazon da UFPA,
biancacruz7899@gmail.com

Cintia Aurora Quaresma Cardoso – SEDUC/PA
cintiacard@yahoo.com.br

Waldirene Castro de Andrade – SEDUC/PA
wallprof@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente muito se fala sobre a valorização das diferenças e a inclusão das pessoas com deficiência, sendo esta uma temática recorrente em debates pedagógicos e foco de inúmeras pesquisas científicas realizadas no Brasil. É comum encontrar estudos acerca da inclusão de alunos com surdez, cegueira, deficiência intelectual, deficiência física e Transtorno do Espectro Autista, todavia estudos voltados para inclusão de alunos com hidrocefalia são praticamente inexistentes.

A hidrocefalia consiste no desequilíbrio entre a produção e a absorção do líquido cefalorraquidiano, ocasionando o acúmulo deste líquido dentro da caixa craniana e, conseqüentemente, possíveis sequelas que variam de acordo com a faixa etária e a velocidade de instalação da hidrocefalia, da perda de tecido neuronal, das lesões associadas e da oportunidade e complicações do tratamento. Os casos mais graves podem evoluir para importante comprometimento neuropsicomotor, com completa dependência para as atividades de vida diária. (CUNHA, 2014).

Segundo Amato (2021), a hidrocefalia pode prejudicar gradativamente o cérebro, ocasionando diversas sequelas, dentre elas vale aqui destacar os

problemas de coordenação, de motivação, de aprendizagem e de concentração, o que requer atenção e cuidado especial para o desenvolvimento inclusivo e com qualidade da criança.

Partindo desta premissa o estudo teve como objetivo geral compreender o processo de inclusão sócio-educacional de uma criança com hidrocefalia na educação infantil em uma escola pública do município de Belém (Pa) nos seus dois primeiros anos de vida escolar. Para tanto, a pesquisa se desenvolveu a partir da abordagem qualitativa, por meio da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo, como tipo de pesquisa foi utilizado o estudo de caso, por ser “uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos” (CHIZZOTTI, 2017, p. 125).

ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA COM HIDROCEFALIA NA REDE PÚBLICA DE ENSINO

A hidrocefalia é uma patologia multifatorial que ocorre predominantemente na infância e está presente na forma congênita em 3 a 4 bebês em cada 1.000 nascidos vivos (CUNHA, 2014). Estas crianças ao ingressarem na escola simbolizam um grande desafio para os profissionais da educação que se sentem desamparados didática e cientificamente para favorecer a inclusão desse alunado, que demanda diversas especificidades.

A criança, objeto de estudo desta pesquisa, tem cinco anos e hidrocefalia congênita. Seu diagnóstico se deu aos quatro meses de vida e aos cinco meses passou por sua primeira cirurgia para a colocação da válvula de escoamento do líquido, todavia devido a complicações pós-operatórias foram necessárias outras cirurgias. A criança apresenta diversos comprometimentos, como deficiência intelectual, deficiência física, perda auditiva na orelha esquerda¹, miopia, dificuldade de mastigação e de deglutição, atraso na

¹ O exame auditivo da criança indica que a audição da orelha direita está normal e há uma perda auditiva na orelha esquerda, mas não revela o tipo de perda que possui, se é leve, moderada, severa ou profunda.

linguagem e no desenvolvimento neuropsicomotor, bem como possui total dependência para todas as atividades de vida diárias. Por este motivo, faz acompanhamento com diversos profissionais (fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, pediatra e neuropediatra clínico e cirúrgico) e terapias (hidroterapia, psicomotricidade e estímulo sensorio-motor).

Seu primeiro contato com a escola foi aos quatro anos de idade, em uma turma de educação infantil composta por onze crianças e uma facilitadora exclusiva para lhe auxiliar. Nos primeiros dias, houve um processo de adaptação à uma nova rotina, a criança manifestou pouca tolerância em ficar sentada, chorava e demonstrava vontade de sair da sala com frequência, manifestava sonolência, não segurava objetos com firmeza e se recusava a fazer qualquer atividade direcionada.

Após dois anos de acompanhamento, observou-se que os resultados obtidos são satisfatórios e os avanços conquistados, embora sejam pequenos para uma criança típica, são significativos para a criança do presente estudo, perceptíveis pelos familiares da criança e pela equipe multidisciplinar que a acompanha além da escola.

O estudo identificou que a criança tem uma boa aceitação na turma e possui um relacionamento saudável com a comunidade escolar, sendo querida, respeitada e protegida pelos amigos de sala que se preocupam com o seu bem estar e assumem responsabilidades de auxílio no seu aprendizado.

No que tange a adaptação escolar, observou-se, no primeiro mês letivo, que a criança apresentou dificuldade em acompanhar a rotina integral da turma, visto que esta demonstrava desconforto generalizado, cansaço e sono, através de comportamentos como abaixar a cabeça na mesa, bocejos, coçar os olhos, choro e até mesmo de resistência em fazer atividades e em permanecer na sala e na escola. Dessa forma, a equipe pedagógica juntamente com seus familiares, optaram por flexibilizar o horário escolar que fora reduzido em quarenta minutos do horário de aula normal, que seria ampliado de acordo com a adaptação e a tolerância da criança.

De acordo com Amato (2021), a irritabilidade e a sonolência excessiva é um sintoma frequente em crianças com hidrocefalia e talvez por este motivo

tais comportamentos se mantiveram durante os dois anos de acompanhamento, obtendo-se, assim, pouco êxito na ampliação do tempo de permanência no espaço escolar. Atualmente, a criança está adaptada ao ambiente escolar, porém ainda não consegue acompanhar a turma em horário integral, agora com 25 minutos de diferença dos demais alunos.

Quanto a sua percepção tátil e coordenação motora ainda estão em processo de desenvolvimento, pode-se pontuar como avanços a aceitação, com mais facilidade, de objetos com diferentes texturas; o ato de segurar o lápis por alguns minutos; fazer rabiscos direcionados e estar iniciando o movimento de pinça.

Já a sua autonomia vem sendo conquistada paulatinamente. Embora emita poucos sons e fale poucas palavras, já consegue demonstrar com mais clareza suas vontades, fazendo-se entender por quem o acompanha.

CONCLUSÕES

O estudo revelou o quanto escola foi e é importante não somente no desenvolvimento pedagógico da criança com hidrocefalia, mas sobretudo no seu desenvolvimento integral, possibilitando-lhe mais autonomia, pró-atividade, tolerância, concentração, sociabilidade e integração. Para os seus responsáveis, a referida criança teve grandes avanços em casa e está respondendo mais rápido às terapias que faz com outros profissionais.

Um ponto importante que o estudo revelou foi os benefícios na inclusão da criança, não apenas para esta, mas para toda comunidade escolar, pois o convívio da criança atípica com a turma estimulou ainda mais nos colegas o respeito, a valorização a diversidade, o carinho e o cuidado com outro, aspectos tão importantes para formação humana e plena das crianças.

Além disso, observamos que a criança com hidrocefalia é amorosa e cativante, que apresenta muitos comprometimentos, mas com um grande potencial de desenvolvimento. A sua inclusão em uma escola pública é uma realidade que se torna possível sobretudo devido ao compromisso e à parceria entre a escola e a família.

REFERÊNCIAS

AMATO, Marcelo Campos Moraes. **Hidrocefalia**. Qual o melhor tratamento, válvula ou endoscopia? Disponível em: <<http://neurocirurgia.me/Neurocirurgia/Hidrocefalia.html>>. Acesso em: 23 Abr. 2021.

CAVALCANTI, Denise P.; SALOMÃO, Maria A. Incidência de hidrocefalia congênita e o papel do diagnóstico pré-natal. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 79, n. 2, p. 135-140, Abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v79n2/v79n2a08.pdf>>. Acesso em: 8 Abr. 2021.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** -12.ed.-São Paulo: Cortez, 2017.

CUNHA, Artur Henrique Galvão Bruno da. Hidrocefalia na infância. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**. V. 18, n 2, p. 85-93, Maio/Ago. 2014. Disponível em: < <https://rbnp.emnuvens.com.br/rbnp/article/download/74/35>>. Acesso em: 20 Jan. 2021.